



<
Purificados,
 de Sarah Kane,
 enc. Krzysztof Warlikowski,
 Wrocławski Teatr
 Współczesny, 2008
 (Stanisława Klijnstra
 e Mariusz Bonaszewski),
 fot. João Tuna.

Amor em estado puro

Francesca Rayner

Titulo: Oczyszczeni (Blasted, 1998). Autor: Sarah Kane. Tradução: Krzysztof Warlikowski e Jacek Poniedzialek. Encenação: Krzysztof Warlikowski. Cenografia: Malgorzata Szczesniak. Música: Pawel Mykietyn. Voz: Renate Jett. Desenho de luz: Felice Ross. Interpretação: Mariusz Bonaszewski, Malgorzata Hajewska-Krysztofik, Redbad Klijnstra, Stanisława Klijnstra, Jacek Poniedzialek, Thomas Schweiberer, Tomasz Tyndyk, Renate Jett e Fabian Wodarek. Produção: Wrocławski Teatr Współczesny. Co-productores: TR Warszawa e Teatr Polski in Poznan. Local e data de estreia em Portugal: Teatro Nacional São João, Porto, 5 de Dezembro de 2008.

Não se sai intacto das palavras dela. Têm um efeito contagioso e arrastam para longe aqueles que as manipulam.

Krzysztof Warlikowski¹

A actual temporada do Teatro Nacional São João e do Teatro Carlos Alberto no Porto, que inclui a peça de dança *Feminine* de Paulo Ribeiro, a encenação de Ricardo Pais d'O mercador de Veneza, *O concerto de Gigli* de Tom Murphy e esta encenação de *Purificados (Cleansed, 1998)* de Sarah Kane, pela companhia polaca Wrocławski Teatr Współczesny, está entre o melhor já feito pelo TNSJ. O inovador e diversificado programa ilustra não só o tipo de repertório audacioso que um teatro nacional contemporâneo pode e deve promover, mas também sinais de vitalidade nas artes performativas. É particularmente gratificante ver Sarah Kane no palco de um teatro nacional, embora Nuno Cardoso tenha já encenado esta peça no Teatro Helena Sá e Costa em 2002. Kane afirmou numa entrevista que não podia ver *Purificados* como mais nada senão uma peça no teatro (*apud* Saunders 2002) e, como esta encenação da peça torna claro, o teatro de Sarah Kane foi vital no desafiar dos limites da forma teatral e no levar quer o público, quer os actores, aos seus limites. A dramaturga teve de suportar adversidades e críticas hostis durante a sua curta carreira teatral e parece inteiramente justo que ela seja agora representada nos palcos nacionais. Contudo, não se quer

aqui minimizar o trabalho pioneiro dos Artistas Unidos, que levaram à cena todas as peças de Kane em Portugal, exceptuando *Purificados*, pouco depois de terem sido publicadas, revelando uma perspicácia e uma vontade de correr riscos em representar o novo teatro europeu evidentes em poucas companhias teatrais.

Esta encenação polaca da peça foi altamente controversa na Polónia, embora pareça que a controvérsia tenha mais a ver com a homossexualidade explícita da encenação do que com a violência que estrutura a peça. Atrevo-me a sugerir que não é a homossexualidade em si que gerou a controvérsia, mas os paralelos apresentados na encenação entre o sofrimento das personagens homossexuais Rod (Jacek Poniedzialek) e Carl (Thomas Schweiberer) e o sofrimento de Cristo, numa Polónia altamente católica. Todavia Kane não é uma dramaturga simples e *Purificados* também não é uma peça fácil de representar. Ambos exigem envolvimento total quer do público, quer dos actores e *Purificados* é provavelmente a obra de Kane que mais imaginação exige aos encenadores. Aparentemente, a actriz que representa a *stripper* (Stanisława Klijnstra) e que transforma o sádico Tinker (Mariusz Bonaszewski) num

¹ Entrevista com o encenador, "Redenção, castigo, ressurreição", reproduzida no programa do espectáculo.

Francesca Rayner é Professora Auxiliar de Teatro e Performance no Departamento de Estudos Ingleses e Americanos da Universidade do Minho.

< >

Purificados,
de Sarah Kane,
enc. Krzysztof Warlikowski,
Wroclawski Teatr
Współczesny, 2008
(< Malgorzata
Hajewska-Krysztofik,
Redbad Klijinstra
e Tomasz Tyndyk;
> Malgorzata
Hajewska-Krysztofik
e Redbad Klijinstra),
fot. João Tuna.



amante vulnerável, quase abandonou a produção². É fácil entender o porquê, pois a personagem é grotescamente sexual em palco e tem de o seu corpo expor aos outros actores, de forma muito intrusiva, mas ainda assim a actriz não desistiu, tornando a representação deste papel na mais memorável a que já assisti, com o controlo perfeito sobre o gradual reverter da relação controlador/controlado que estabelece com Tinker. Os outros actores estiveram similarmemente empenhados e as relações colaborativas em palco entre eles, apesar de ocasionalmente transgredindo a ténue linha entre honestidade emocional e auto-indulgência performativa, criaram momentos de grande beleza bem como de horror. Como exemplos, podemos apreciar a dança farsica/comovente de Carl para o seu amante Rod depois da perda das mãos e da língua ao som da canção "These Brutal Hands" e a terna valsa entre Grace (Malgorzata Hajewska-Krysztofik) e o seu irmão morto, Graham (Redbad Klijinstra). O uso de canções originais ao longo da produção, excelentemente interpretadas por Renate Jett, serviu para intensificar o horror e proporcionar um breve alívio cómico. De facto, as canções diminuem a separação entre comédia e tragédia, usando exactamente o tipo de humor negro que a própria Kane frequentemente usa nas suas peças.

Esta peça foi inspirada no controverso paralelismo delineado por Roland Barthes, paralelismo esse entre um amante rejeitado e um prisioneiro de Dachau, que Kane inicialmente julgou chocante, mas que mais tarde acabou por perceber, como a exploração de estados extremos e a perda do ser em ambientes claustrofóbicos (Barthes 2001: 65; Kane 2003: 71). O cenário desta encenação enfatizou a frieza e violência reprimida da instituição onde Tinker vigia os seus pacientes (o facto de o local ser de uma antiga universidade parece não ter inspirado comentários quando talvez o devesse). A mesa de operações foi sempre visível em palco, bem como um corredor transparente através do qual os actores passavam, tornando permanente a vigilância dos pacientes. Perversamente, as legendas em *neon* que surgiam na parte de trás do palco, encaixavam perfeitamente neste ambiente, como se fossem mensagens da administração com instruções para os pacientes. É possível que haja críticas à representação da violência nesta encenação por não ser brutal o suficiente, mas violência explícita não é a única forma de aproximação à violência da peça. Os momentos estilizados quando os membros de Carl são cortados apenas pela sugestão de um machado e o uso de iluminação para destacar as partes mutiladas do corpo parecem-me não menos efectivas do que o uso de membros falsos, enquanto o momento em que Grace segura o seu novíssimo pénis cosido foi genuinamente chocante na sua evocação da fragilidade do corpo face à violência. Mais ainda, a interpretação a solo do magnífico discurso de



amor oriundo de outra peça da autora, *Falta* (Crave, 1998), por Renate Jett, ilustrou a forma como Kane podia escrever tão convincentemente acerca do amor como inspiração ou como do amor como degradação.

Purificados é uma peça profundamente moral onde o valor supremo é o amor extremo nas suas diferentes formas, contudo isto não equivale a dizer que a encenação não torna políticas estas éticas. As narrativas de um casal *gay* que aprende através da dor que o amor é mais do que palavras e de uma jovem mulher que melancolicamente incorpora o seu irmão morto, são certamente experiências individuais levadas ao extremo, mas que não estão de forma alguma longe do quotidiano, onde os homossexuais ainda recebem choques eléctricos devido aos seus desejos e mulheres que pretendem mudar de sexo são objecto dos caprichos dos médicos. Reforçando o paralelo entre o pessoal e o institucional, esta encenação desafiou qualquer separação absoluta entre a violência escondida em instituições privadas e manifestações públicas de violência como no crime ou no terror de estado. Pareceu-me exactamente o tipo de encenação que o Teatro Nacional São João deve trazer à cidade, pois levanta questões importantes trazidas pelo teatro contemporâneo, como as do indivíduo e da sociedade dentro de uma nova Europa caracterizada por fissuras, fragmentação e desumanização, preocupações estas que parecem caracterizar a temporada teatral de forma mais global.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland (2001), *Fragmentos de um discurso amoroso*, Lisboa, Edições 70.
- KANE, Sarah (2001), *Teatro completo*, Porto, Campo das Letras.
- (2003), "Une conversation avec Nils Tabert", *OutreScène: la revue du Théâtre National de Strasbourg*, n.º 1, Fevereiro.
- SAUNDERS, Graham (2002), *Love me or kill me: Sarah Kane and the Theatre of Extremes*, Manchester, Manchester University Press.

² O nome *Tinker* em inglês quer dizer algo como pessoa intrometida e também constitui um pequeno acto de vingança da parte de Sarah Kane já que o crítico londrino Jack Tinker descreveu a sua primeira peça *Ruínas* (*Blasted*, 1995) notoriamente como "este nojento festival da imundice" ("this disgusting feast of filth").